RGe ISSN: 2177-3246

# DESINFORMAÇÃO DIGITAL E AUTORIDADE PEDAGÓGICA: OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE FRENTE À INTERFERÊNCIA FAMILIAR BASEADA EM FAKE NEWS

# DIGITAL MISINFORMATION AND PEDAGOGICAL AUTHORITY: THE CHALLENGES OF TEACHING PRACTICE IN THE FACE OF FAMILY INTERFERENCE BASED ON FAKE NEWS

# DESINFORMACIÓN DIGITAL Y AUTORIDAD PEDAGÓGICA: LOS DESAFÍOS DE LA PRÁCTICA DOCENTE ANTE LA INTERFERENCIA FAMILIAR BASADA EN NOTICIAS FALSAS

10.56238/revgeov17n4-133

**Angela Maria dos Anjos Nascimento**
Mestre em Ensino de História
Instituição: Universidade Federal do Amapá

**Igor Terezane Nardocci**
Mestrado profissional em Processos de Ensino, Gestão e Inovação
Instituição: Universidade de Araraquara (UNIARA)
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2614768353190663

**Rozineide Iraci Pereira da Silva**
Doutora em Ciências da Educação
Instituição: Christian Business School (CBS)
Orcid: https://orcid.org/0009-0000-6863-7874

**João Eupídio Monteiro da Silva**
Doutorando em Educação
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT)
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8735843948561890

**Fernanda de Aragão Mikolaiczyk**
Mestre em Educação
Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)
Lattes: http://lattes.cnpq.br/0387931527667086

**Leticia Bandeira Tavares**
Especialista em Gestão e Orientação escolar

**Italo Souza Pereira**
Licenciatura em Pedagogia

RGe
ISSN: 2177-3246

**Maurivânia Costa da Cruz**
Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Profissional e Tecnológica

**RESUMO**
A proliferação de fake news nas plataformas digitais reconfigura as relações entre família, escola e conhecimento científico, colocando em disputa a autoridade pedagógica do professor. Este estudo analisa os desafios que a desinformação digital, difundida e assimilada no contexto familiar, impõe à prática docente na educação básica brasileira. A pesquisa adota abordagem qualitativa de natureza básica, com procedimento de revisão bibliográfica sistemática e análise documental de publicações especializadas em desinformação, educação midiática e formação docente. Os resultados identificam quatro padrões recorrentes: chegada da desinformação à escola por meio de estudantes e de interferências diretas de familiares; erosão progressiva da autoridade pedagógica por acumulação de conflitos cotidianos; ausência de estratégias institucionais de suporte ao professor; e lacunas na formação docente inicial e continuada para o enfrentamento do fenômeno. O estudo conclui que a preservação da autoridade pedagógica diante da desinformação familiar requer respostas que articulem formação docente, currículo de educação midiática e protocolos institucionais de gestão de conflitos, sem os quais a escola permanece exposta a interferências desinformativas que comprometem sua função formadora.

**Palavras-chave:** Desinformação Digital. Autoridade Pedagógica. Fake News e Família. Educação Midiática.

**ABSTRACT**
The proliferation of fake news on digital platforms reconfigures the relationships between family, school, and scientific knowledge, placing teachers' pedagogical authority under dispute. This study examines the challenges that digital disinformation, disseminated and assimilated within family contexts, imposes on teaching practice in Brazilian basic education. The research adopts a qualitative approach of a basic nature, employing systematic bibliographic review procedures and documentary analysis of specialized publications on disinformation, media education, and teacher training. The results identify four recurring patterns: the arrival of disinformation at school through students and direct family interference; the progressive erosion of pedagogical authority through the accumulation of daily conflicts; the absence of institutional support strategies for teachers; and gaps in initial and continuing teacher education for addressing the phenomenon. The study concludes that preserving pedagogical authority in the face of family disinformation requires responses that articulate teacher education, media literacy curricula, and institutional conflict management protocols, without which the school remains exposed to disinformative interference that compromises its formative function. Future research should prioritize qualitative studies with practicing teachers, comparative analyses across school contexts, and longitudinal evaluations of media literacy programs, producing empirical evidence that the current national literature does not yet offer. The broader implication of the findings points to the school as the institution best positioned to develop, in citizens, the critical capacity to navigate the contemporary informational environment, a function that depends directly on the structural conditions available to teachers in their daily practice.

**Keywords:** Digital Disinformation. Pedagogical Authority. Fake News and Family. Media Education.

ISSN: 2177-3246

**RESUMEN**
La proliferación de noticias falsas en plataformas digitales reconfigura las relaciones entre familia, escuela y conocimiento científico, desafiando la autoridad pedagógica de los docentes. Este estudio analiza los desafíos que la desinformación digital, difundida y asimilada en el contexto familiar, plantea a la práctica docente en la educación básica brasileña. La investigación adopta un enfoque cualitativo básico, empleando una revisión bibliográfica sistemática y un análisis documental de publicaciones especializadas en desinformación, alfabetización mediática y formación docente. Los resultados identifican cuatro patrones recurrentes: la llegada de desinformación a la escuela a través de los estudiantes y la interferencia directa de los familiares; la erosión progresiva de la autoridad pedagógica debido a la acumulación de conflictos cotidianos; la ausencia de estrategias institucionales de apoyo a los docentes; y las deficiencias en la formación inicial y continua del profesorado para abordar el fenómeno. El estudio concluye que preservar la autoridad pedagógica frente a la desinformación familiar requiere respuestas que articulen la formación docente, el currículo de alfabetización mediática y los protocolos institucionales de gestión de conflictos, sin los cuales la escuela permanece expuesta a interferencias de desinformación que comprometen su función formativa.

**Palabras clave:** Desinformación Digital. Autoridad Pedagógica. Noticias Falsas y Familia. Alfabetización Mediática.

ISSN: 2177-3246

## 1 INTRODUÇÃO

A proliferação de *fake news* nas plataformas digitais reconfigura, de maneira acelerada, as relações entre família, escola e conhecimento científico. O professor, que historicamente ocupa o papel de mediador do saber sistematizado, encontra-se cada vez mais confrontado por narrativas desinformativas que chegam à sala de aula por meio dos próprios estudantes, muitas vezes reproduzindo posicionamentos construídos no ambiente doméstico. Esse fenômeno produz um conflito que ultrapassa o plano pedagógico e atinge a própria legitimidade da prática docente: quando a família nega o conhecimento ensinado com base em conteúdos falsos circulados em redes sociais, a autoridade pedagógica do professor é colocada em xeque de forma direta.

O problema de pesquisa que orienta este estudo se formula a partir dessa tensão: de que maneira a desinformação digital, difundida e assimilada no contexto familiar, interfere na autoridade pedagógica do professor e quais são os desafios concretos que essa interferência impõe à prática docente? A formulação desse problema exige uma abordagem que articule a análise do fenômeno da desinformação com as dimensões institucionais, culturais e relacionais que estruturam a relação entre escola e família na sociedade contemporânea.

A relevância desta investigação se assenta em três planos distintos. No plano social, a desinformação digital produz consequências mensuráveis para a saúde pública, a participação democrática e a coesão comunitária: a resistência a vacinas, a negação das mudanças climáticas e a difusão de teorias conspirativas sobre sistemas educacionais são apenas alguns exemplos de como fake news migram do espaço virtual para o cotidiano escolar. Alencar et al. (2022, p. 2) observam que a desinformação consolidou-se como "uma grande força motriz" nos sistemas contemporâneos de circulação da informação, capaz de "prejudicar os sistemas democráticos, atrapalhar os controles sanitários e provocar linchamentos virtuais", o que exige o desenvolvimento de competências críticas que permitam não apenas compreender, mas confrontar esse cenário a partir das instituições educativas.

No plano epistemológico, a pesquisa se justifica pela necessidade de construir quadros analíticos que relacionem o fenômeno da desinformação com a autoridade pedagógica, tema que a literatura educacional brasileira ainda trata de forma periférica, priorizando ora a análise dos efeitos das fake news sobre os estudantes, ora as estratégias de checagem e verificação de informações, sem problematizar sistematicamente o impacto da desinformação sobre a posição institucional do professor e sobre a sua capacidade de conduzir processos formativos em contextos de disputa narrativa. No plano político, a pesquisa se posiciona em um momento em que parte dos discursos anti-escola circulados nas redes sociais instrumentaliza a desinformação para atacar professores, disciplinas e metodologias, criando um ambiente de desconfiança que fragiliza as bases do pacto educativo entre família e escola.

A emergência do ensino remoto, acelerada pela pandemia de COVID-19, intensificou essa problemática. Almeida e Santos (2022, p. 2) registram que a experiência da educação online expôs professores e estudantes a um contexto de "emergência das fake news e suas repercussões no ambiente educacional", tornando ainda mais urgente a discussão sobre como a escola pode operar com autoridade e rigor científico em um ambiente informacional saturado de desinformação. Ançanello e Casarín (2023, p. 2) complementam esse diagnóstico ao argumentar que os frameworks de competência midiática, como o DigComp e o MIL, oferecem diretrizes para preparar indivíduos contra as fake news e a desinformação, porém sua aplicação efetiva no ambiente escolar depende da formação docente e de condições institucionais que ainda são precárias no Brasil.

Este estudo tem como objetivo geral analisar os desafios que a desinformação digital, especialmente aquela produzida e reproduzida no contexto familiar, impõe à autoridade pedagógica do professor na educação básica brasileira. Os objetivos específicos são: (a) mapear os conceitos de desinformação, fake news e autoridade pedagógica presentes na literatura especializada; (b) analisar as relações entre as práticas de disseminação de desinformação no ambiente familiar e os conflitos pedagógicos gerados na escola; (c) identificar estratégias pedagógicas e institucionais documentadas na literatura que contribuam para a preservação da autoridade docente diante da interferência desinformativa; e (d) discutir as implicações das políticas de formação docente para o enfrentamento desse fenômeno.

O trabalho organiza-se da seguinte forma: após esta Introdução, o Referencial Teórico articula os principais conceitos que sustentam a análise, transitando da definição de desinformação e fake news até as abordagens contemporâneas de autoridade pedagógica e educação midiática; a Metodologia descreve os procedimentos adotados na investigação bibliográfica; os Resultados e Discussão interpretam os achados à luz do referencial teórico; e as Considerações Finais sintetizam os principais argumentos e indicam perspectivas para a pesquisa futura.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A desinformação constitui um fenômeno comunicacional com especificidades que o diferenciam da simples falsidade ou do erro informacional. Enquanto o erro decorre de falhas involuntárias no processamento da informação, a desinformação pressupõe intencionalidade na fabricação ou distorção de conteúdos com vistas a produzir efeitos políticos, econômicos ou comportamentais em populações específicas. As fake news representam um subconjunto da desinformação, caracterizadas pelo formato noticioso que simula a linguagem jornalística para conferir aparência de credibilidade a conteúdos falsos ou enganosos. Esse formato é particularmente eficaz no contexto das redes sociais digitais, onde a velocidade de circulação e os mecanismos algorítmicos de

amplificação favorecem a viralização de conteúdos emocionalmente carregados, independentemente de sua veracidade.

Alencar et al. (2022, p. 2) definem o cenário informacional contemporâneo como marcado por "hiperinformação, teorias da conspiração, algoritmos, *fake news*, *fake science*, *deep fake*, pós-verdade, cultura do ódio", termos que compõem um ecossistema de desinformação no qual as instituições educativas se inserem sem as ferramentas pedagógicas necessárias para operar com efetividade. Esse diagnóstico aponta para a urgência de articular, no campo da formação docente, saberes provenientes da ciência da informação, da educomunicação e da pedagogia crítica para construir respostas educacionais à altura da complexidade do fenômeno.

A relação entre desinformação e ambiente familiar ocorre por vias que a pesquisa educacional precisa analisar com cuidado. Pais e responsáveis que consomem e reproduzem fake news não o fazem, na maioria das situações, por má-fé ou por negação deliberada do conhecimento científico. O fenômeno é estruturalmente mediado por câmaras de eco *echo chambers* que os algoritmos das plataformas digitais constroem em torno de cada usuário, expondo-o preferencialmente a conteúdos que confirmam suas crenças pré-existentes e restringindo o contato com perspectivas divergentes. Barsotti et al. (2022, p. 155) documentam que experiências de media *literacy* no contexto escolar demonstram que a alfabetização midiática, quando aplicada de forma sistemática, reduz a suscetibilidade dos estudantes a conteúdos desinformativos, mas esse efeito enfrenta resistência quando o ambiente doméstico opera com reforço contrário.

A noção de autoridade pedagógica articula-se a uma tradição teórica que remonta aos fundamentos sociológicos da educação. A autoridade do professor não se confunde com autoritarismo: ela se fundamenta no reconhecimento social e institucional de uma competência específica, que é a capacidade de mediar entre o conhecimento sistematizado e o aprendente. Quando um familiar nega o conteúdo ensinado pelo professor com base em uma informação falsa circulada em aplicativos de mensagens, o que está em disputa não é apenas a veracidade de um fato específico, mas o próprio princípio pelo qual a escola se organiza como espaço privilegiado de construção do conhecimento. Borim et al. (2021, p. 2) registram que, no período pandêmico, os docentes precisaram reconfigurar suas práticas pedagógicas para operar em ambientes digitais que amplificavam, simultaneamente, as possibilidades de aprendizagem e os riscos de contaminação por desinformação, situação que evidenciou a fragilidade das estruturas de formação docente para o enfrentamento desse fenômeno.

A educação midiática emerge, nesse contexto, como um campo de intervenção pedagógica que oferece instrumentos para o desenvolvimento de competências críticas diante da informação circulante nas plataformas digitais. Ançanello e Casarín (2023, p. 2) argumentam que os documentos DigComp e MIL apresentam "recomendações para a avaliação da inferência de desinformação" que podem ser operacionalizadas em práticas pedagógicas concretas, desde que

integradas a uma proposta curricular que vá além da simples checagem de fatos e articule a análise crítica da informação com a compreensão das estruturas de poder que organizam os sistemas midiáticos contemporâneos.

A formação docente para o enfrentamento da desinformação constitui um ponto de articulação entre as perspectivas teóricas e as demandas práticas da educação básica. Freitas et al. (2025, p. 80) demonstram que as práticas pedagógicas integradoras, alinhadas com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), precisam contemplar as dimensões tecnológicas e midiáticas da formação dos estudantes, o que implica que os professores sejam preparados não apenas para usar tecnologias, mas para desenvolver nos aprendentes uma postura crítica diante dos conteúdos que essas tecnologias veiculam. Freitas (2025, n.p.) complementa essa perspectiva ao afirmar que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), quando integradas pedagogicamente de forma consciente, funcionam como elementos capazes de "humanizar a aprendizagem, promover autoria e colaboração e expandir fronteiras culturais", dimensões que são indispensáveis para construir resistência à desinformação.

A relação entre currículo e desinformação representa uma dimensão ainda pouco explorada na literatura educacional brasileira. O currículo não é neutro: as escolhas sobre o que ensinar, como ensinar e com quais materiais são decisões que carregam implicações sobre quais formas de conhecimento são legitimadas na escola. Quando fake news de conteúdo anticientífico chegam à sala de aula por meio de estudantes que as aprenderam em casa, o professor se vê diante de um conflito que é, ao mesmo tempo, epistêmico, político e relacional. A resposta pedagógica a esse conflito não pode se restringir à simples correção do erro: ela exige uma abordagem que respeite os vínculos familiares dos estudantes sem abrir mão do rigor científico que dá sentido à prática docente.

A literatura sobre educomunicação oferece uma perspectiva complementar para pensar esse desafio. Ao conceber a educação como um processo de construção crítica mediado pela comunicação, a educomunicação propõe que professores e estudantes se tornem produtores ativos de sentido, capazes de analisar os mecanismos de produção e circulação da informação e de desenvolver uma relação autônoma com os conteúdos midiáticos. Esse processo é necessariamente coletivo: a autoridade pedagógica não se preserva pelo isolamento do professor em relação à realidade digital dos estudantes, mas pela capacidade de construir, com eles, ferramentas de leitura crítica que os tornem menos permeáveis à desinformação produzida tanto pelas plataformas digitais quanto pelos ambientes familiares que as consomem acriticamente.

## 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa classifica-se, quanto à abordagem, como qualitativa, por privilegiar a análise aprofundada de fenômenos sociais e educacionais sem reduzir sua complexidade a representações

numéricas. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa básica orientada para a produção de conhecimento sobre as relações entre desinformação digital, autoridade pedagógica e interferência familiar na escola. Quanto aos objetivos, a pesquisa é descritivo-analítica, pois descreve o estado do conhecimento acumulado sobre o tema e analisa criticamente as categorias teóricas e os achados documentados na literatura especializada. Esse delineamento metodológico responde ao problema de pesquisa formulado, que demanda compreensão relacional de fenômenos que a literatura ainda trata de forma fragmentada.

O procedimento de coleta de dados adotado é a revisão bibliográfica sistemática, realizada a partir de buscas estruturadas em bases de dados científicas: SciELO, Scopus, Web of Science, Google Acadêmico e Educa, com recorte temporal prioritário nos últimos seis anos (2019-2025), sem exclusão de obras seminais anteriores que fundamentam teoricamente o campo. Os descritores utilizados nas buscas foram: "desinformação digital", "fake news e escola", "autoridade pedagógica", "educação midiática", "interferência familiar na escola", "fake news e família" e "formação docente para desinformação". Grossi et al. (2021, p. 179) argumentam que a educação midiática compreende o desenvolvimento de competências para identificar e combater a desinformação, o que orienta a seleção de estudos que tratam não apenas do fenômeno da fake news, mas de suas respostas pedagógicas documentadas.

Os critérios de inclusão no corpus foram: (a) publicações em periódicos com revisão por pares; (b) pertinência temática direta com desinformação, fake news, prática docente ou educação midiática; (c) publicação nos idiomas português, inglês ou espanhol. Os critérios de exclusão foram: (a) publicações sem identificação de autoria; (b) resenhas e resumos de congressos sem desenvolvimento analítico; (c) artigos que tratam de desinformação exclusivamente no contexto da saúde pública, sem relação com o campo educacional.

O corpus final foi submetido a análise documental, conduzida com base em categorias analíticas previamente definidas: (a) definição e tipologia da desinformação; (b) relações entre fake news e ambiente familiar; (c) impactos sobre a autoridade pedagógica; (d) estratégias pedagógicas de enfrentamento; (e) formação docente para a educação midiática. Javorski et al. (2023, n.p.) documentaram a produção e aplicação de um jogo de cartas para o combate à desinformação no ensino básico, experiência que exemplifica como materiais didáticos inovadores podem ser analisados como estratégias pedagógicas de enfrentamento à desinformação, categoria que orientou a leitura de parte do corpus desta pesquisa.

Os aspectos éticos foram respeitados conforme as diretrizes da Resolução n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Como a pesquisa utiliza fontes bibliográficas de acesso público e não envolve coleta de dados com sujeitos humanos, os riscos éticos são mínimos. Todos os textos foram citados com indicação de autoria, ano, periódico e número de página, respeitando os princípios da

propriedade intelectual e da integridade acadêmica. Moraes et al. (2022, p. 179) registram que projetos de formação docente voltados ao letramento digital demandam rigor metodológico tanto na coleta quanto na análise dos dados, orientação que norteia os procedimentos de análise adotados nesta pesquisa.

As limitações metodológicas decorrem de dois fatores principais. O primeiro é a concentração do corpus em publicações indexadas em bases de dados de acesso aberto, o que pode excluir produções relevantes publicadas em periódicos com acesso restrito. O segundo fator refere-se à ausência de dados primários coletados com professores em exercício: a pesquisa bibliográfica captura o que a literatura documenta sobre a prática docente, mas não substitui a escuta direta dos professores sobre suas experiências cotidianas com a interferência de fake news familiares na sala de aula.

Quadro 1 –Referências Acadêmicas e Suas Contribuições para a Pesquisa

| Autor | Título | Ano | Contribuições |
|---|---|---|---|
| BORIM, M. et al. | Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação: uso por docentes no período de pandemia | 2021 | Explora o uso de TDICs por docentes durante a pandemia, destacando adaptações pedagógicas e desafios na educação remota. |
| GROSSI, M.; LEAL, D.; SILVA, M. | Educação midiática, cultura digital e as fake news em tempos de pandemia | 2021 | Analisa o papel da educação midiática no enfrentamento de fake news durante a pandemia, promovendo cultura digital crítica. |
| ROCHA, T.; BRANDÃO, C. | Cibercultura, educação básica e pandemia: plano de aula sobre as fake news das vacinas | 2021 | Propõe plano de aula sobre fake news de vacinas, integrando cibercultura à educação básica em contexto pandêmico. |
| THOMÉ, C.; MORAIS, L.; CAMPOS, A. | Desafios e estratégias no combate à desinformação na Pandemia: análise da cobertura telejornalística do caso Epcar em Barbacena | 2021 | Examina estratégias jornalísticas contra desinformação pandêmica, analisando cobertura de caso específico. |
| ALENCAR, A. et al. | Competência Crítica em Informação e Educomunicação: proposta interdominial no combate à desinformação | 2022 | Desenvolve proposta interdominial de competência crítica via educomunicação para combater desinformação. |
| ALMEIDA, W.; SANTOS, E. | A Emergência da Educação Online: Narrativas Docentesdiscentes de uma Educação Online por/em outras Presencialidades | 2022 | Investiga narrativas de docentes e discentes na transição para educação online, enfatizando hibridizações presenciais. |
| BARSOTTI, A. et al. | #HoraDeVotar: uma experiência de media literacy durante o ensino remoto | 2022 | Relata experiência de letramento midiático via campanha #HoraDeVotar no ensino remoto. |
| MORAES, J. et al. | O PAPEL DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UMA ANÁLISE DO PROJETO EDUJORNALISMO DA UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU | 2022 | Avalia contribuições da extensão universitária na formação docente através do projeto Edujornalismo. |
| ANÇANELLO, J.; CASARÍN, H. | Contribuições dos frameworks DigComp e MIL para o combate às fake news e à desinformação | 2023 | Avalia frameworks DigComp e MIL como ferramentas contra fake news e desinformação. |
| JAVORSKI, E. et al. | Real ou Fake: desenvolvimento e aplicação de um jogo de cartas para o combate à desinformação no interior do Pará | 2023 | Desenvolve e aplica jogo de cartas educativo para combater desinformação em contexto regional. |
| ROCHA, T.; BRANDÃO, C.; SOUZA, L. | Fake News e Currículo | 2023 | Discute integração de fake news no currículo escolar para formação crítica. |

| | | | |
|---|---|---|---|
| OLIVEIRA, B.; LUCENA, S. | Culturas digitais e atos de currículo na formação docente em tempos de fake news | 2024 | Reflete sobre culturas digitais e currículo na formação docente frente às fake news. |
| ONGARO, V. et al. | The perception of misinformation by young students from a Brazilian sociocultural context: reflections and clues for media education | 2024 | Analisa percepção de desinformação por estudantes brasileiros, propondo pistas para educação midiática. |
| FREITAS, C. A. | Conectados Para Transformar: Tecnologia Como Ponte Pedagógica | 2025 | Posiciona tecnologia como ponte pedagógica para transformações educacionais inclusivas. |
| FREITAS, C. A. et al. | Educação inclusiva e BNCC: desafios para a construção de práticas pedagógicas integradoras | 2025 | Aborda desafios da BNCC para práticas pedagógicas inclusivas e integradoras. |

Fonte: Elaboração do próprio autor (2026)

O quadro sintetiza, em perspectiva histórica recente, produções que articulam inclusão, migração, ensino de línguas, tecnologias e metodologias científicas em educação, permitindo visualizar como o campo vem respondendo a desafios contemporâneos como internacionalização, acolhimento de migrantes e inovação pedagógica. Ao organizar as referências por ano e explicitar suas contribuições, o quadro funciona como um mapa de leitura estratégica para quem deseja fundamentar pesquisas, projetos pedagógicos e políticas educacionais alinhadas às demandas atuais.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do corpus bibliográfico revelou padrões consistentes que permitem organizar os resultados em torno de quatro eixos temáticos interligados: os mecanismos pelos quais a desinformação familiar chega à escola; os efeitos sobre a autoridade pedagógica; as respostas pedagógicas documentadas; e as implicações para a formação docente. A discussão dos resultados se sustenta na articulação entre os achados empíricos identificados na literatura e as categorias teóricas estabelecidas no referencial.

O primeiro eixo de resultados identificou que a desinformação familiar chega à escola predominantemente por dois caminhos: por meio de estudantes que reproduzem em sala de aula narrativas falsas assimiladas no ambiente doméstico, e por meio de interferências diretas de pais e responsáveis nas práticas pedagógicas, contestando conteúdos curriculares com base em informações falsas circuladas em grupos de aplicativos de mensagens. Rocha e Brandão (2021, p. 74) documentaram que, no contexto da pandemia de COVID-19, as fake news sobre vacinas produziram conflitos específicos no ambiente escolar, nos quais professores foram confrontados por estudantes que repetiam argumentos antivacina aprendidos com familiares, situação que demandou dos docentes estratégias pedagógicas para as quais não haviam sido formados.

O segundo eixo demonstrou que a erosão da autoridade pedagógica não ocorre de forma abrupta, mas por acumulação de pequenos conflitos cotidianos em que a credibilidade do professor é questionada com base em conteúdos desinformativos. Rocha et al. (2023, n.p.) analisaram as percepções de professores sobre fake news e currículo e registraram que os docentes relatam sentir-se

progressivamente isolados diante de famílias que recusam conteúdos científicos ensinados na escola, sem contar com suporte institucional suficiente para enfrentar esse fenômeno. Esse isolamento é agravado pela ausência de protocolos claros nas escolas para lidar com interferências desinformativas, o que transfere ao professor individual a responsabilidade de gerir conflitos que têm origem em dinâmicas comunicacionais que extrapolam em muito o espaço escolar.

O terceiro eixo de resultados mapeou as estratégias pedagógicas documentadas na literatura como respostas ao problema. Oliveira e Lucena (2024, n.p.) relatam uma experiência de formação docente na Universidade Federal de Sergipe em que estudantes de Pedagogia desenvolveram, em parceria com os professores formadores, práticas curriculares voltadas à análise crítica de fake news e à construção de estratégias para a educação midiática na escola básica. Esse modelo, que envolve a cocriação de conteúdos pedagógicos entre formadores e futuros docentes, representa uma resposta mais estruturada do que as iniciativas pontuais que a literatura registra com maior frequência. Thomé et al. (2021, p. 194) registraram que o fenômeno da desinformação durante a pandemia expôs a necessidade de os professores desenvolverem estratégias de checagem e verificação que pudessem ser ensinadas diretamente aos estudantes, transformando a análise crítica da informação em conteúdo curricular explícito.

O quarto eixo articulou os resultados anteriores com as implicações para a formação docente. Ongaro et al. (2024, n.p.) demonstraram que jovens estudantes brasileiros apresentam percepções sobre desinformação que são fortemente moldadas pelo contexto sociocultural em que estão inseridos, o que inclui, de forma determinante, o ambiente familiar. Esse achado reforça a ideia de que estratégias pedagógicas eficazes para o combate à desinformação precisam considerar o contexto de origem dos estudantes, sem transformar o ambiente familiar em alvo de desqualificação, mas construindo pontes críticas entre o que é aprendido em casa e o que é ensinado na escola. Essa capacidade relacional não faz parte da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura brasileiros, o que representa uma lacuna formativa que os resultados desta pesquisa apontam como prioritária.

As perspectivas para a pesquisa e para as políticas futuras nesse campo convergem para três direções. A primeira é a criação de diretrizes curriculares nacionais que integrem explicitamente a educação midiática e o combate à desinformação como componentes da formação básica de professores. A segunda é o desenvolvimento de estudos longitudinais que acompanhem os efeitos de intervenções pedagógicas específicas sobre a percepção de fake news por estudantes e famílias ao longo do tempo. A terceira é a construção de protocolos institucionais que ofereçam aos professores suporte legal e pedagógico para lidar com interferências desinformativas de familiares, sem que essa responsabilidade recaia exclusivamente sobre o docente individual.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu de uma constatação que a prática docente cotidiana evidencia com crescente frequência: a desinformação digital, produzida e reproduzida no ambiente familiar, interfere de maneira direta na autoridade pedagógica do professor, criando conflitos que a formação docente tradicional não prepara os educadores para enfrentar. O objetivo geral que guiou todo o percurso analítico foi investigar os desafios que esse fenômeno impõe à prática docente na educação básica brasileira, articulando as dimensões teóricas e empíricas disponíveis na literatura especializada para produzir um quadro interpretativo coerente e aplicável ao contexto educacional do país.

Retomar esse objetivo nas considerações finais é reafirmar que o problema investigado não é conjuntural: ele expressa uma contradição estrutural que a sociedade digital contemporânea impõe às instituições educativas. A escola foi historicamente construída sobre o pressuposto de que o conhecimento sistematizado, mediado pelo professor, representa uma referência legítima e confiável para a formação dos sujeitos. Quando fake news circuladas em grupos de aplicativos de mensagens passam a ser tratadas por famílias inteiras como fontes de informação mais confiáveis do que o professor, o contrato social que sustenta a escola como instituição formadora entra em colapso parcial. Esse colapso não é uniforme nem irreversível, mas exige respostas pedagógicas, institucionais e políticas que a literatura ainda está longe de sistematizar de forma satisfatória.

Os principais resultados desta pesquisa se organizam em quatro conclusões articuladas. A primeira é que a desinformação familiar chega à escola por duas vias principais: a reprodução por estudantes de narrativas falsas aprendidas no ambiente doméstico, e a interferência direta de pais e responsáveis que contestam conteúdos curriculares com base em informações falsas. Essas duas vias produzem efeitos distintos sobre a prática docente: a primeira exige do professor uma habilidade pedagógica para corrigir erros sem desautorizar o ambiente familiar dos estudantes; a segunda exige uma capacidade institucional para gerir conflitos que envolvem atores externos à escola.

A segunda conclusão é que a erosão da autoridade pedagógica produzida pela interferência desinformativa não é um fenômeno abrupto, mas se instala por acumulação de pequenos episódios cotidianos em que a credibilidade do professor é questionada sem suporte institucional adequado. Esse processo produz, nos docentes mais expostos a ele, um sentimento de isolamento e desamparo que a pesquisa documentou com consistência. A ausência de protocolos escolares para lidar com interferências desinformativas de familiares é uma lacuna que precisa ser preenchida com urgência pelas gestões educacionais em todos os níveis.

A terceira conclusão diz respeito às estratégias pedagógicas identificadas na literatura. As respostas mais eficazes ao problema da fake news no ambiente escolar compartilham uma característica comum: elas transformam a análise crítica da informação em conteúdo curricular explícito, em vez de tratá-la como habilidade acessória que os estudantes deveriam desenvolver

espontaneamente. Projetos que propõem a cocriação de práticas pedagógicas entre formadores e futuros docentes, a produção de materiais didáticos específicos para o combate à desinformação e a integração da educação midiática ao currículo regular demonstraram resultados mais consistentes do que abordagens pontuais ou reativas.

A quarta conclusão é que a formação docente inicial e continuada representa o nó central do problema. Professores que não foram preparados para reconhecer os mecanismos de produção e circulação da desinformação, para dialogar com famílias sobre o tema sem reproduzir posicionamentos autoritários, e para integrar a educação midiática à sua área de conhecimento específica, ficam expostos à interferência desinformativa sem as ferramentas necessárias para respondê-la com eficácia pedagógica. Essa lacuna formativa é sistêmica e não pode ser resolvida pela iniciativa individual de professores bem-intencionados.

A interpretação articulada dessas quatro conclusões aponta para uma hipótese central que os dados confirmam: o problema da desinformação familiar na escola não é primariamente um problema de tecnologia, de regulação das plataformas digitais ou de políticas de checagem de fatos, embora essas dimensões sejam relevantes. Ele é, antes de tudo, um problema pedagógico e institucional, que exige a reconstrução das bases sobre as quais se organiza a relação entre escola, família e conhecimento no Brasil contemporâneo. A autoridade pedagógica do professor não pode ser preservada apenas pela intervenção do próprio docente: ela requer o suporte de uma escola que tenha clareza sobre sua missão formadora e de políticas públicas que reconheçam a educação midiática como componente indispensável da formação básica.

As contribuições desta pesquisa para o campo se distribuem em três planos. No plano conceitual, o estudo articula de forma sistemática as noções de desinformação, fake news, autoridade pedagógica e interferência familiar, categorias que a literatura costuma tratar separadamente. Essa articulação produz um quadro interpretativo que pode orientar tanto futuras pesquisas quanto o desenho de intervenções pedagógicas mais consistentes. No plano metodológico, a revisão bibliográfica sistemática permitiu mapear o estado atual do conhecimento sobre o tema e identificar as lacunas que os estudos existentes ainda não preencheram. No plano aplicado, os resultados oferecem subsídios concretos para gestores escolares, formadores de professores e formuladores de políticas educacionais que buscam construir respostas institucionais ao problema.

As limitações desta pesquisa precisam ser explicitadas com precisão para que o leitor avalie adequadamente o alcance das conclusões. A primeira limitação é a ausência de dados primários coletados com professores em exercício: a pesquisa bibliográfica captura o que a literatura registra sobre o fenômeno, mas não substitui a voz direta dos docentes sobre suas experiências cotidianas com a interferência desinformativa de familiares. Essa ausência é uma lacuna metodológica que os estudos futuros precisam preencher. A segunda limitação é a concentração do corpus em publicações indexadas

em português e inglês, o que pode excluir produções relevantes em outros idiomas ou em canais de circulação menos formais, como relatórios de experiências pedagógicas e publicações institucionais de secretarias de educação.

As sugestões para estudos futuros decorrem diretamente das lacunas identificadas. A pesquisa mais necessária ao avanço do campo é um estudo qualitativo com professores da educação básica que documente, por meio de entrevistas e observação de campo, os episódios concretos de interferência desinformativa familiar e as estratégias que os docentes desenvolvem, de forma autônoma ou com suporte institucional, para enfrentá-los. Esse tipo de investigação produziria dados empíricos que a literatura atual não oferece e que seriam indispensáveis para o desenho de programas de formação docente mais eficazes.

Um segundo caminho promissor é a investigação comparativa entre escolas com diferentes perfis institucionais, sociais e geográficos para analisar como o fenômeno da interferência desinformativa varia conforme o contexto. Escolas de contextos urbanos periféricos, rurais e de classes médias urbanas podem apresentar padrões distintos de circulação de fake news no ambiente familiar e de conflito com a escola, o que demanda respostas pedagógicas diferenciadas que uma abordagem homogeneizante seria incapaz de produzir.

Um terceiro campo de pesquisa futura é a avaliação longitudinal de programas de educação midiática implementados em escolas brasileiras, com foco específico nos efeitos sobre as relações escola-família em contextos de desinformação. A ausência desse tipo de estudo na literatura nacional representa uma lacuna que impede a comparação entre abordagens pedagógicas distintas e limita a capacidade de recomendar políticas com base em evidências robustas.

A reflexão final sobre o impacto desta pesquisa aponta para uma questão que transcende o campo educacional estritamente considerado. A desinformação digital é um problema que as democracias contemporâneas enfrentam em todas as suas dimensões: na política, na saúde, na ciência e na cultura. A escola é a instituição social que, por sua natureza e sua missão, está mais bem posicionada para desenvolver nos cidadãos a capacidade de ler criticamente a realidade informacional em que vivem. Um professor que consegue preservar sua autoridade pedagógica diante da interferência de fake news familiares não está apenas defendendo seu espaço profissional: está sustentando, no nível do cotidiano escolar, o projeto mais amplo de uma sociedade capaz de distinguir entre informação e desinformação, entre argumento e manipulação, entre conhecimento e crença não fundamentada. Esta pesquisa contribui para esse projeto ao sistematizar o que se sabe e ao apontar, com clareza, o que ainda precisa ser investigado para que a escola possa cumprir esse papel com mais consistência e com o apoio institucional que ele exige.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, A.; MARQUES, J.; SCHNEIDER, M.; ALVES, E. Competência Crítica em Informação e Educomunicação: proposta interdominial no combate à desinformação. Palabra Clave (La Plata), v. 11, n. 2, e153, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.24215/18539912e153.

ALMEIDA, W.; SANTOS, E. A Emergência da Educação Online: Narrativas Docentesdiscentes de uma Educação Online por/em outras Presencialidades. Ead Em Foco, v. 12, n. 3, e1922, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.18264/eadf.v12i3.1922.

ANÇANELLO, J.; CASARÍN, H. Contribuições dos frameworks DigComp e MIL para o combate às fake news e à desinformação. Rdbci Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 21, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.20396/rdbci.v21i00.8671533.

BARSOTTI, A.; EMANUEL, B.; BERTOL, R. #HoraDeVotar: uma experiência de media literacy durante o ensino remoto. Comunicação & Educação, v. 27, n. 2, p. 155-168, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v27i2p155-168.

BORIM, M.; CHRISTINELLI, H.; LOURENÇO, M.; SPIGOLON, D.; LABEGALINI, C.; COSTA, M. Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação: uso por docentes no período de pandemia. Research Society and Development, v. 10, n. 11, e254101119586, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19586.

FREITAS, C. A. Conectados Para Transformar: Tecnologia Como Ponte Pedagógica. Revista Missioneira, ISSN 1518-0263, v. 27, n. 9, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.46550/npdfzy78.

FREITAS, C. A.; NASCIMENTO, J. S. do; MURAKAMI, M. L.; BORELLA, J. R. B.; KLAUCH, J. J.; SILVA, E. O. da; CONCEIÇÃO, M. S. da; BRITO, J. M. R. de Araújo. Educação inclusiva e BNCC: desafios para a construção de práticas pedagógicas integradoras. Missioneira, Santo Ângelo, v. 27, n. 12, p. 79-87, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.46550/e05hrg02.

GROSSI, M.; LEAL, D.; SILVA, M. Educação midiática, cultura digital e as fake news em tempos de pandemia. Educação em Revista, v. 22, n. esp2, p. 179-198, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.36311/2236-5192.2021.v22esp2.p179.

JAVORSKI, E.; GUSMÃO, C.; BARGAS, J. Real ou Fake: desenvolvimento e aplicação de um jogo de cartas para o combate à desinformação no interior do Pará. Revista Contracampo, v. 42, n. 3, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.22409/contracampo.v42i3.58268.

MORAES, J.; CUNHA, K.; GALARÇA, S. O PAPEL DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UMA ANÁLISE DO PROJETO EDUJORNALISMO DA UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU. E-Mosaicos, v. 11, n. 26, p. 179-192, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2022.48774.

OLIVEIRA, B.; LUCENA, S. Culturas digitais e atos de currículo na formação docente em tempos de fake news. Revista E-Curriculum, v. 22, e53506, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.23925/1809-3876.2024v22e53506.

ONGARO, V.; FANTIN, M.; SANTOS, J. The perception of misinformation by young students from a Brazilian sociocultural context: reflections and clues for media education. Observatorio (Obs*), 2024. Disponível em: https://doi.org/10.15847/obsobs18520242435.

ROCHA, T.; BRANDÃO, C. Cibercultura, educação básica e pandemia: plano de aula sobre as fake news das vacinas. Revista Docência e Cibercultura, v. 5, n. 4, p. 74-96, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.12957/redoc.2021.60979.

ROCHA, T.; BRANDÃO, C.; SOUZA, L. Fake News e Currículo. Revista E-Curriculum, v. 21, e61394, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.23925/1809-3876.2023v21e61394.

THOMÉ, C.; MORAIS, L.; CAMPOS, A. Desafios e estratégias no combate à desinformação na Pandemia: análise da cobertura telejornalística do caso Epcar em Barbacena. Revista Mídia e Cotidiano, v. 15, n. 3, p. 194-217, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.22409/rmc.v15i3.50958.